

1940  
ABRIL  
E MAIO  
N.º 64-65



# COSTA DE OIRO

REVISTA DO ALGARVE

---

**O ALGARVE**

estação de inverno!

**O ALGARVE**

das amendoeiras em flor!

**O ALGARVE**

das formosíssimas praias!



Deseja visitar o **ALGARVE** em qualquer época do ano?

Peça folhetos e prospectos,  
itinerários, preços e todas  
as indicações de que careça

ao

Escritório de Informações  
da

**COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO**

DE

**F A R O**

Rua Ivens, 7

Rua da Marinha,

20, 22, 26, e 28

Telefone 122

**FARO — ALGARVE — PORTUGAL**

---



# COSTA DE OIRO

## REVISTA DO ALGARVE

Redacção  
R. Candido  
dos Reis: 72  
Lagos

Director  
Dr. JOSÉ RIBEIRO LOPES  
Editor  
ANTÓNIO DA COSTA FERREIRA

Propriedade  
da Sociedade  
Propaganda da  
Costa de Oiro

### A MÚSICA DO ALGARVE

## NÃO É SÓ O CORRIDINHO!

Honra este número da «Costa de Oiro» com a sua valiosa colaboração, o ilustre professor e distinto musicógrafo sr. Armando Leça.

Espírito muito culto, conhecedor profundo da matéria sobre que versa o interessante artigo que damos à estampa, o nosso paiz deve-lhe muito do que de mais valioso se tem feito pela sua música popular e pelo seu folclore.

A «Costa de Oiro», distinguida com a colaboração que expressamente teve a gentileza de lhe destinar, espera que não seja esta a única vez que o seu nome apareça a ilustrar as suas colunas.

Quando terminada a captação da nossa música popular, benemérita iniciativa da Comissão Nacional dos Centenários, a Emissora Nacional a divulgar nalgumas centenas de discos, derretem-se muitos *narizes de cêra*, frases feitas como esta: o fado é a canção nacional, no Minho, o vira, no Algarve o corridinho.

Ora há regiões nas quais ainda se desconhece o fado e a sua britânica guitarra; a gente minhota enlôa corais seculares e os algarvies, mesmo sem os *foles* a impulsionarem os *bailhos*, também têm mais amostras do seu cancionero.

Lamentâmos que a falta de tempo e a lacuna dos grupos de Monchique, Moncapacho e Castro Marim impedissem a

~~~~~ POR ARMANDO LEÇA

gravação dum documentário mais amplo e variado da música algarvia.

Lembremos que neste momento recolhem-se apenas amostras regionais do nosso cancionero músico-popular. Estamos certos que o documentário folclórico, como o Brasil já o está a arquivar na discoteca de vários Estados, se fará a seguir, por que até as próprias Juntas de Província pugnam pela defesa dos seus cancioneros.

Na outiva algarvia fixaram-se modas dos nortenhos, umas integrais, outras assimiladas à sua maneira, até aos seus fonemas.

Na outiva algarvia, arregaçaram-se esquemas melo-ritmicos simpaticantes, como noutras provincias, e tanto do seu agrado, que, de Barlavento a Sotavento, todos se espertinam com o seu regionalismo.

Reparemos como o biombo das serranias do Algarve distingue musicalmente, as modas corais da planície do Baixo-Alentejo, da ritmopeia dos *bailhos-mandados* da gente barranquenhal

O cancionero músico-popular do Algarve, comparticipa, a seu geito, das festas anuais das outras provincias, como o

# Sagres

---

## 15 de Junho

Nas grandes festas que em breve irão inaugurar-se no nosso país, comemorativas dos Centenários da Fundação e Restauração da Nacionalidade, Sagres marca, como expressão tradicionalista da epopeica época dos descobrimentos de quatrocentos, em que os portugueses gloriosamente ao mundo deram novos mundos, lugar de impressionante relêvo.

Quem uma vez seus passos deixou por sôbre êsse canto evocador, que o Algarve religiosamente guarda, não mais esquece aquela impressão quási inexplicável que o Promontório Sacro — raiz verdadeira da nossa grandeza, testemunha secular do heroísmo duma raça nos ímpetos ardorosos da sua definição, lhe deixa, o forte retrato que o ambiente lhe fixou da figura taciturna e grande do Infante e dos ousados marinheiros algarvios que constituíram as tripulações intemeratas das caravelas de então.

É nesse mesmo local, onde igualmente ecoaram os passos do Infante, onde a sua inteligência e sua perseverança deixaram traços que o tempo não destroi, que Portugal de 1940 vai relebrar em actos solenes a epopeia das descobertas marítimas.

A um canto do território nacional do continente as pedras escuras da velha fortaleza — de longe mostrando o seu perfil altivo, e de tôda a costa de Sagres, que

guardam ainda o perfume das épocas remotas, são sentinelas dum passado glorioso, documentos vivos e nobres duma tradição de autêntico orgulho português.

Com o romance dôce das lendas e a evocação suave e persistente dos feitos da epopeia marítima subiu pelos panos da velha fortaleza e por sôbre o ar solene que a circunda a idea cantilante e revivificadora dos feitos de antanho, os capítulos da História vividos no local.

Sons de alerta, acenos rápidos de despedida, alaridos de partida, ruídos do mar beijando fortemente o bôjo das naus, panos de velas desfraldadas gloriosamente aos ventos, onde a Cruz de Cristo resumia o heroísmo e a fé dum povo, episódios de valentia assombrosos, grandes figuras do drama extraordinário da nossa gente em desvairamentos febris de conquista para fixação duma soberania cada vez maior — ludo há-de, porém, surgir na visão de quem passar por terras de Lagos e Sagres e levar na alma a graça duma convicção nacional profunda, habituada a interrogar as edades e a acreditar nas qualidades vigorosas da grei.

Estamos em Portugal numa bela hora de reeducação à luz dos ensinamentos da História.

A Pátria vai fazer oito séculos de existência em festa feliz de rejuvenescimento admirável.

Em Lagos e Sagres — 15 de Junho, vão agrupar-se em multidões os portugueses de hoje para viver por momentos a recordação de tantos e tantos anos em que o País, pelos seus gloriosos marinheiros, lutou e sofreu, para que a sua missão no Mundo fôsse de inteiro benefício para os destinos da Humanidade e verdadeira glória da nossa civilização.

---

Natal, Reis e fogueiras de Junho. Encomenda as almas no tempo quaresmal e então o Bendito nas igrejas. Embala seus filhos, cantando-lhes; puxa as redes com o seu entoar ritmico *Leva... leva...* e as crianças de mãos dadas cantam lindas modas de roda, figuradas e com estribilhos típicos.

Já repararam nos seus *refrãos* monossilábicos?

A gente algarvia lembra-se da D. Silva-

na, Nau Catrineta e ainda canta o famoso Prim. Nos seus versos musicados perpassam as fases apolíneas e saudosas do amor, o lar, a família, a terra, a gaiatice.

Que mais exigem, às modalidades, ao expressar do cancionero da gente algarvia?

Como querem que participando da musicalidade do povo português só vejamos os pares algarvios a *bailhar* — sem descanso — o corridinho?



# P A N O R A M A

## Uma exposição de arte

Falcão Trigoso, o pintor enamorado da paisagem algarvia, que Lagos teve a honra de albergar durante muitos anos, realizou ha dias em Lisboa, mais uma exposição dos seus trabalhos.

Acontecimento de vulto na vida artística nacional, lá foi mais uma vez evocada a nossa provincia, este Algarve que o seu prodigioso pincel tão primorosamente tem sabido fixar e interpretar nalguns dos seus mais encantadores aspectos.

## John Gibbons

O « Prémio Camões — 1931 », com que o Secretariado de Propaganda Nacional distingue os escritores estrangeiros que melhores obras consagram ao nosso paiz, foi conferido a John Gibbons, pelo seu livro « I gathered no moss ».

Eis uma noticia que não pode deixar indifferente a nossa provincia, porquanto o distinto escritor inglês já publicou sobre o Algarve dois curiosissimos livros « A foot in Portugal » e « Playtime in Portugal — An unconventional guide to the Algarves » e por aqui principiou no nosso paiz, as peregrinações que lhe valeram a consagração agora recebida.

Escritor algarviófilo lhe vimos chamar ha dias e o epíteto amolda-se perfeitamente a quem soube dar sobejas provas de dedicacão pela nossa terra.

## A Sé de Silves

Nos trabalhos de restauro que a Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais está levando a efeito na Sé de Silves, trabalhos a cuja importancia já nos referimos nesta secção, foi descoberta uma inscrição que pode envolver um interessante problema de arte nacional.

Datada de 1317, ou seja 1279 da era de Cristo, a inscrição destinava-se a assinalar a sepultura de um tal

Domingos Joanes e chama-lhe, textualmente, o « mestre que fundou esta obra ».

Como tudo leva a crer que a obra fôsse no próprio edificio ou mesmo o próprio edificio onde a inscrição foi encontrada, local sagrado utilizado para enterramentos, temos, pelo menos, uma data certa e bastante remota a assinalar na Sé de Silves e o nome de um artista cuja existência se desconhecia.

Sobre o assunto vão ser convidadas a pronunciar-se as autoridades na matéria.

## Propaganda do Algarve

Em separata do seu « Boletim » e para propaganda do serviço especial de bilhetes de ida e volta que estabeleceu para o Algarve durante a época das amendoeiras em flor, publicou a C. P. um curiosissimo folheto com um artigo do sr. António Montez, intitulado « Amendoeiras em flôr », e algumas dezenas de fotografias para o efeito cedidas pelo nosso colaborador sr. dr. Mário Lyster Franco. Na capa, primorosamente reproduzido em tricromia, um lindo quadro de amendoeiras do pintor Falcão Trigoso, a quem já nos referimos nesta secção.

Foi a todos os títulos uma publicação interessantíssima, como raras vezes se tem feito no nosso paiz e nunca se fizera sobre o Algarve.

Esta circumstância justifica a elogiosa referência que aqui lhe deixamos consignada.

## A Casa do Algarve

Desde o passado dia 15 que a séde da CASA DO ALGARVE em Lisboa está instalada na Avenida Defensores de Chaves, n.º 79, 1.º andar, onde se encontra já a funcionar a respectiva Secretaria e onde será inaugurado dentro de dias um Escritório de Informaçoes e Propaganda da nossa Provincia.

Promovendo esta installação, a Comissão Administrativa cumpriu inteiramente a primeira e mais importante promessa que fizera perante a Assembleia Geral: a de instalar a Casa até ao dia 15 de Abril, embora fôsem muitas as dificuldades económicas a vencer.

# O ALGARVE

## Pitoresco, Artístico e Monumental

fotos e legendas do

DR. MARIO LYSER FRANCO

### IV

## O LINDÍSSIMO PÓRTICO DE ALVOR



A igreja matriz de Alvôr é, toda ela, acentuadamente manuelina. Ainda que com pormenores característicos da Renascença, manuelino é também o seu magnífico pórtico principal, lavrado a capricho por qualquer artista imaginário cujo nome se perdeu. E são figuras colocadas em edículos, máscaras, guerreiros em atitude ameaçadora, fôlhas e flôres, milhentos ornatos de toda a espécie, por vezes um pouco primitivos mas sempre com um

certo cunho de originalidade, tudo saindo das bases octogonais, subindo pelas colunas, debruçando-se dos arcos a quasi toda a largura. O lindíssimo pórtico de Alvôr é assim

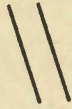
uma preciosa joia architectónica. E só para disfrutá-lo, para gastar alguns minutos na sua contemplação, acreditem que vale a pena percorrer os escassos cinco quilómetros que separam a próspera Portimão da pequenina aldeia em que morreu D. João II.

A S E G U I R : V - O j a r d i m d e E s t o i



# MATÉRIA

# PRIMA



Da mesma pedra donde o troglodita  
extraiu os machados para a guerra,  
se modelou aquela cruz bendita  
posta no adro lá da minha terra.

E a mesma pedra que gerava máguas  
transformou-se no bálsamo das máguas...

O mesmo fogo que atçou o incêndio  
que alguém pegou à palha de uma eira,  
tôdas as noites uma Mãe acende-o  
e vai beijar as pedras da lareira.

E o mesmo fogo símbolo do ódio  
pôde ser a anítese do ódio...

A mesma terra que não tinha nome  
e foi depois o Coliseu de Roma,  
melhor seria que matasse a fome  
—ou já matou— a quem não tem que coma.

E a mesma terra túmulo de vidas  
podia ser o sangue de outras vidas...

Dois homens escreveram num papel  
sobre a mesma doença que os matou:  
— José Duro, os sarcasmos do seu «Fel»,  
— António Nobre, as queixas do seu «Só»

Era o mesmo papel para os dois homens,  
diversos são os votos dos dois homens...



Homem! Oh! meu irmão!  
A tua carne é a matéria prima  
que ou o mal putrefaz ou o Bem sublimar

Se a pedra pode ser ou sombra ou luz,  
não faças o machado, faz a cruz!

Se o fogo faz sorrir ou faz chorar  
em lugar do incêndio, atíça o lar!

Se numa terra há vida ou morte, importa  
que não faças o circo, — faz a horta!

Se és poeta e doente, no papel  
—ouve—compõe o «Só» em vez do «Fel»!



Homem! no coração que Deus te deu  
há um fogo sagrado. Vai buscá-lo,  
sabe ser o teu próprio Prometeu!

Se tens sonhos ruins a atormentá-lo,  
— procura ser a Mãe dos teus cuidados —  
vai agitar-lhe o bérço e embalá-lo!

E se os teus pensamentos são pecados,  
sê tu Jesus e empresta os teus ideais  
a êsses teus irmãos mais desgraçados!

Adora os lírios que de ti extrais,  
como outrora Francisco, o Santo Assis,  
soube adorar o sol e os animais!

.....  
E revolta-te, então, se és infeliz!

---

LEONEL NEVES é um jovem poeta algarvio que  
cada vez mais se vem afirmando como um valor real da  
nossa Província. Assim o atesta este trabalho cheio de  
humanidade e que lhe valeu uma justa «menção honro-  
sa» nos Jogos Florais da Primavera de 1940, organiza-  
dos pela Emissora Nacional.



As duas lápides de que ora se dá notícia, uma cuja inscrição se publica e a outra quasi ilegível, a que também se faz referência, deram entrada no Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique, de Faro, em Fevereiro de 1935.

Estavam, uma junto da outra e como várias que no Museu têm sido recolhidas, inscrustradas nas muralhas do castello de Faro, perto da denominada «Porta Nova».

O valioso achado ficou-se devendo ao sr. Abílio José Gouveia, de Olhão, pessoa que aos assuntos de arqueologia há muito se dedica com interesse e que da existência das lápides deu noticia ao sr. dr. José Leite de Vasconcelos, então de passagem em Faro, que por sua vez me transmitiu. Obtida autorização do proprietário daquele trôço das muralhas, sr. Sotero Mendes Pinto, promoveu-se a remoção das duas pedras para o Museu onde se encontram.

Tendo sido arbitrariamente utilizadas como material, na construção ou restauro das referidas muralhas, só a circunstância da inscrição de uma das pedras se encontrar quasi completamente oculta e do tempo ter carcomido parte da argamassa que a acompanhava, permitiu o razoável estado de conservação em que chegou até aos nossos dias e o seu providencial encontro. Com a outra não se deu o mesmo. Expôsto o lado da inscrição à acção do tempo, batido como deveria ter sido durante muitos anos pela água das marés que ainda até ha pouco atingia o local em que se encontrava, essa inscrição quasi completamente se obliterou e quasi que só por mera curiosidade e respeito foi então recolhida no Museu. E ainda bem que tal se fez. Adiante se verá a importância que nesta conjectura lhe atribuo.

A inscrição que se apresenta legível, foi naquela altura cuidadosamente estudada e copiada pelo sr. dr. José Leite de Vasconcelos, que tinha o intuito de a publicar.

Passaram-se os anos sem que essa publicação tivesse sido feita e, nos princípios do corrente ano, tendo trocado com o illustre Professor copiosa corres-

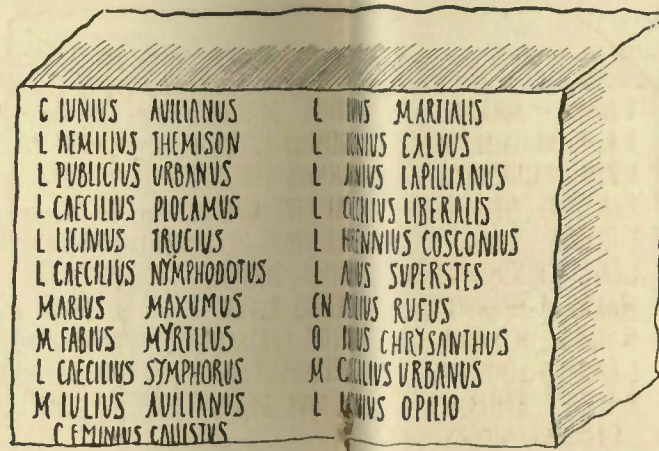
# UMA INSCRIÇÃO INÉDITA DE OSSÓNÓBA

PELO DR. MÁRIO LYSER FRANCO

Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, o insigne Mestre de nós todos.

pondência sobre outros assuntos, lembrei-me de pedir-lhe que a publicação se effectuasse. O sr. dr. Leite de Vasconcelos não teve possibilidade de encontrar então a cópia da leitura que fizera e, tendo-me comunicado o facto, fez com que

espontaneamente me abalançasse a conseguir-lhe outra. Estudei pacientemente a lápide, mas longe de mim a ideia de dar-lhe publicidade em meu nome. O meu intuito era apenas o de fornecer ao illustre Mestre elementos para estudo seu e isto mesmo tive ocasião de dizer-lhe. O sr. dr. Leite de Vasconcelos é que não entendeu assim e, visto que eu procedera à leitura, enviou-me, para acompanhar o meu trabalho, a curiosa nota que adiante se publica e insistiu para que eu o desse à estampa, dizendo-me textualmente em carta que conservo: ... «entrego ao meu amigo o cuidado de publicar a inscrição em seu nome. Fica em muito boa mão, já que com tanta facilidade a leu.» Mais tarde, encontrou a cópia que fizera. Teve ainda a gentileza de enviar-me a indicação das discrepâncias, aliás insignificantes, que as nossas duas leituras acusavam e voltou a insistir para que eu, em artigo meu e sob a exclusiva responsabilidade do meu nome, publi-



casse a inscrição.

É o que venho fazer, portanto. E visto que é sob a égide do illustre Mestre que esta publicação se effectua, muito gratosamente lha dedico, esperando que elle me perdoe o atrevimento de ter pôsto o seu nome consagrado, a abrir tão insignificante trabalho.

\*\*\*

Tratemos em primeiro lugar da inscrição legível, que é, em boa verdade, a que dá motivo a esta notícia.

A pedra em que se encontra é constituída por um bloco de calcáreo em forma de paralelepipedo, tendo de altura 0,52, de largura 0,89 e de espessura 0,36. As letras da inscrição occupam, quasi completamente, uma das faces maiores, são tôdas maiúsculas e medem 0,035 de altura.

A inscrição é constituída por uma série de 21 nomes de pessoas, dispostos em duas colunas paralelas e dela fiz o desenho que junto se publica.

Temos, portanto, na primeira columna: C (aio) Júnio Aviliano, L (úcio) Emílio Temisão, L (úcio) Públicio Urbano, L (úcio) Cecílio Plocamo, L (úcio) Licínio Trúcio, L (úcio) Cecílio Ninfodoto, Mário Máximo, este sem pronome,

M (arco) Fábio Mirtilo, L (úcio) Cecílio Sinforo, M (arco) Júnio Aviliano e C (aio) Emínio Calisto. E na segunda: L (úcio) Lívio Marcial, L (úcio) Licínio Calvo, L (úcio) Anio Lapiliano, L (úcio) Cecílio Liberal, L (úcio) Hirénio Coscónio, L (úcio) Elio Superste, Cn (eo) Acílio Rufo, Q (uinto) Júnio Crisanto, M (arco) Cecílio Urbano e L (úcio) Licínio Opílio.

A reconstituição dos pronomes é, como se verifica, nalguns dos casos meramente conjectural e as únicas diferenças existentes entre a minha leitura e aquela que o sr. dr. José Leite de Vasconcelos effectuara e que, como já disse, posteriormente teve a bondade de comunicar-me, são as seguintes: Onde eu li Avilianus por duas vezes, Trucius, C. Eminius e Lapillianus, lera o illustre Professor, Avellanus também por duas vezes, Fructus, Geminus, com o pronome apagado, e Laetitianus. As discrepâncias não são, portanto, fundamentais e, tendo persistido no estudo e observação da pedra, peço licença para, com o devido respeito, insistir nos meus pontos de vista. O Lapillianus não me ferece grandes dúvidas e o mesmo acontece com o Avilianus, sobretudo no segundo nome em que nos surge. O Trucius é que talvez pudesse ler-se Frucius, mas mais difficilmente Fructus. Quanto ao último nome da primeira fila, em que o sr. dr. José Leite leu Geminus Callistus e eu pretendo ler C. Eminius Callistus, está manifestamente desalinhado, as letras são um pouco mais pequenas (0,025), apertadas e mal gravadas e não tem a correspondência da segunda fila, que todos os outros apresentam. A distância que separa o C do pronome, da palavra seguinte, ainda que menor do que a que os outros nomes apresentam, por virtude daquele desalinhamto, e o facto de não existir qualquer vestígio do pronome se ter apagado, permitem-me insistir também na minha asserção. A linha em que este nome se encontra, dá a impressão nítida de ter sido posteriormente gravada, não se tendo contado inicialmente com ela. A inscrição seria assim de 20 nomes, dispostos em duas colunas de 10, tendo-se acrescentado depois mais



1 na primeira. O que levaria a gravar todos estes nomes numa pedra, é que difícil se torna determinar agora. E vejamos, para finalizar, a nota elucidativa a que já fiz referência e que, sobre esta inscrição, o sr. dr. José Leite de Vasconcelos teve a bondade de enviar-me.

Diz o ilustre Professor:

«A lápide está incompleta. A inscrição também. Deve ser uma dedicatória; porém não sabemos a quem, nem por que razão. Só podemos suspeitar que temos ali qualquer manifestação colectiva, e que as personagens que nela figuram são *libertos*, como se infere do carácter dos nomes. A importância da inscrição está em nos apresentar uma parte da população de Ossónoba, e em serem gregos muitos dos cognomes, o que vem aumentar o conhecimento que já tínhamos deste elemento populacional do Algarve.»

De facto, sobre «Gregos no Algarve na época romana» e fundado em algumas inscrições inéditas recolhidas nesta província e noutras que Hubner já publicara no seu valioso «Corpus Inscriptionum Latinorum», fez o sr. dr. Leite de Vasconcelos, em 21 de Maio de 1933, uma interessante comunicação ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia. Os cognomes Nymphodotus, Symphorus e Chrysantus, por exemplo, que aparecem na inscrição, são manifestamente gregos e com este último dá-se até a circunstância de aparecer também numa inscrição, funenária ha anos descoberta na Quinta de Marim, arredores de Olhão, pertencente ao já referido sr. Abílio José Gouveia e que o ilustre Professor ha tempo publicou (1).

\*\*\*

Sobre a outra lápide de inscrição quasi ilegível, a que me referi no início, muito pouco, mas algo de curioso, tenho para dizer.

O sítio em que a pedra foi encontrada, a sua qualidade e as suas dimensões (0,52 x 0,36 x 0,56), em que a altura da face gravada é precisamente igual à da outra pedra, a igualdade e tamanho dos caracteres empregados (também 0,035) e até o facto, que salta à vista, da outra

inscrição não estar completa, levam-me à conclusão, quasi segura, de que esta a completaria. A inscrição integral seria portanto constituída por duas pedras e nesta, quasi ilegível, é que está, em meu entender, o grande segrêdo, o complemento, a explicação da primeira. Ela não comporta, como a princípio supuz, uma outra série de nomes, mas sim uma série de palavras, centradas em cada linha, para maior realce, e relatando, certamente, o acontecimento importante que fez reunir aqueles indivíduos, numa manifestação de carácter colectivo. Devia talvez estar sobreposta à outra, ou antecede-la no mesmo plano, e, o que em meu entender lhe dá ainda maior valia, é o facto, que facilmente se comprova, de ne'la existir uma palavra que tem para o efeito grande importância e que é, precisamente e num feliz acaso, a que melhor se pode ler.

De facto, na linha quarta, lê-se, de forma que me parece irrefutável, a palavra.

## (O)S O N O B E N S I U M

As duas lápides constituem assim, em meu fraco entender, uma única inscrição em que se alude a um acontecimento em que tomaram parte 21 libertos de Ossónoba.

É portanto uma inscrição bastante valiosa e a circunstância de ter sido encontrada nas muralhas do Castelo de Faro, é mais um argumento em favor da tese de que Ossónoba esteve situada onde assenta hoje a capital algarvia, tese que nos últimos tempos tem ganho foros de cidade e que, ultimamente, tem sido com tanto brilho sustentada pelo sr. Abel Viana (2).

FARO, ABRIL DE 1940

---

(1) — In «Duas inscrições romanas do Algarve, publicadas por J. Leite de Vasconcellos», Lisboa, 1934

(2) — In «Algumas investigações arqueológicas na cidade de Faro - IV — Onde foi Ossónoba», série de artigos publicada em «O Algarve», de Faro, n.º 1.644 a 1.674.



# O VIOLINISTA

NOVELA

Por Horácio de Brito

Agosto...

Noute cálida, salpicada de estrelas. Ambiente pesado a subjugar a alma numa modorra doentia em que olhos meigos de mulher hemudecem numa suavidade quente, mescla de espiritualidade e de materialismo. Há pelos corpos um entorpecimento que sabe bem, um alheamento que subjuga...

Num teatro...

Uma sala imensa em que cabeças impacientes se ondulam num vai-vem marinho, num contínuo marulhar de vaga que a brisa fresca ondeia a capricho.

Cá fóra em ondas de luz, sobem matizes desenhando um nome, coriscando um réclame.

É que naquele dia estreia-se o violinista, uma legenda de fama vinda de longe. Junto ao passeio alinham-se autos, aglomeram-se multidões.

Lá dentro um toque longínquo vibra e tudo se aquieta num silêncio interrogativo, numa impaciência que se vai esmorecendo e por fim esbate... depois o pano purpurino ondeia—entreabre-se...—um piano que começa, um violino vibra.

Jámais a alma vibrátil de Beethoven com todos os seus pormenores tristes, foi tão maravilhosamente desnudada como então.

Era um homem alto o violinista... Uma destas figuras de novela, de ombros largos, fronte espaçosa.

Uma alma feita de harmonia, de vibrações tristes... era o sentimentalismo raro de um génio com alma de artista. Nas suas mãos, o violino era uma grandiosa fonte parnásica, de colóquios estranhos, de murmúrios que arrebatam. Eram queixumes de alma que redimem, uma formidanda apoteose de sonho, uma história triste de mouras encantadas.

...E quando êle acabou houve uma

salva louca de aplausos, um nunca acabar de exclamações... é que a morbidez doentia do violino se irmanava à quentura branda da noite que amolecera as almas...

E novamente o pano purpurino ondeia, entreabre-se... um piano que recomeça, um violino que vibra.

Naquela noute mulheres sonharam com um homem alto—o violinista... com uma destas figuras de novela, de ombros largos, fronte espaçosa.

Ela que da frisa, bebera com o bistro escuro dos seus olhos andaluzamente negros os gestos do violinista, não podia conciliar o sono, uma só imagem esvoaçava obsecante e pertinaz: a «dêle».

Cairam na ampulheta vidrada dos tempos, anos sôbre anos e com êles o derruir de ilusões o prepassar de sonhos. Quanto ideal perdido nêste dia a dia que passa e que o Destino jámais devolve. Instituições que caíram como o esvoaçar cansado de avesinha que tomba.

Quanta primavera, tanto inverno... vidas que findam, existências que começam a florir nêste tumultuar de fôlha que cai seca e mirrada pelo tempo...

O violinista já não era uma dessas figuras de novela. O arcaboço dobrara já ao decair da grandeza, ao derruir duma página de amor, iluminada por uns olhos andaluzamente negros...

E só uma recordação do passado lhe ficara só um amigo o não deixou—o violino.

A êle o pobre confiava as suas máguas, a sombra de uma mulher que passara no seu destino; uma mulher cujos olhos andaluzamente negros eram uma canção-motivo...

( Termina na página doze )



# NOSSA SENHORA DA ROCHA

◆ ALPORCHINHOS - ALGARVE ◆

○ LOCAL - A ROMARIA - AS "OFERTAS,"

— POR ABEL VIANA —

( CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR )

Por isso, ao longo dela, desde o Cabo de São Vicente até o Guadiana, contam-se por dezenas as ruínas mais ou menos desmanteladas das fortificações, umas romanas ou possivelmente fenícias, ou cartaginesas, como em Castro Marim, outras romanas, árabes ou da dinastia afonsina, como ainda em Castro Marim, Cacela, Tavira, Faro, etc., e ainda muitas outras em que no tipo da fortificação se vislumbra a actividade militar de Afonso III, D. Sebastião, Filipes, D. João IV e a mão do Conde de Lippe.

Pelo que directamente examinei em muitos pontos do litoral, como tipo de fortificação em que, aproveitando-se a disposição do local, se utilizou uma saliência da costa, amuralhando sómente a largura do istmo dessas penínsulas em miniatura, deixando o resto naturalmente defendido pelo precipício da altíssima falésia, conheço a já mal perceptível fortaleza do Cabo de São Vicente, a do Belixe, um quilómetro ou menos aquém do Cabo, a da Ponta de Sagres, e esta fortificação da Ponta de Nossa Senhora da Rocha.

O mesmo se dirá do Forte de Santa Catarina, na Praia da Rocha. Na Fig. 2 apresento um esquemático plano das quatro primeiras. Com maior ou menor aproximação dará idea do sistema adoptado. Era, apenas, aproveitar uma saliência da costa, uma pequenina península, miniatura de promontório ou outra projecção do terreno, e vedar-lhe a entrada com muralha a prumo, da banda de terra, deixando pela do mar outra mais alta muralha, que é a falésia. (10)

Assim se fêz também no Promontó-

tório de Sagres, em data muito mais recente, em que a primazia nos combates, quer no assalto quer na defesa, cabia já às armas de fogo.

Convem lembrar que sucessivos e violentíssimos terramotos alteraram profundamente os recortes da falésia (11) e com êles os restos das fortificações que nela assentavam, sendo de crer que os das mais antigas, atribuíveis a romanos, árabes e portugueses dos primeiros três ou quatro séculos da nossa nacionalidade, houvessem totalmente desaparecido.

A de Nossa Senhora da Rocha não escapou ao flagêlo: Ataíde (12) transcreve uma carta de pároco de Porches, depositada na Torre do Tombo e escrita dois anos após o cataclismo. São dela as seguintes linhas:— «... Tem um castelo na rocha do mar em uma ponta metida ao mar cento e sessenta passos, que pelo terramoto de 1755 padeceu grande ruina,

(10) Em muitos pontos, ainda que a falésia seja muito alta e a prumo, ou quasi, como na Senhora da Rocha, tal inexpugnabilidade, segundo me parece, é mais aparente que real ou, pelo menos, a falésia é vulnerável, sobretudo no caso de assalto por escalada de surpresa. Digo-o pelo muito que vi novos e velhos, e até senhoras e crianças, não falando nos habituais pescadores à cana e à linha, subirem-na e descerem-na. Os pescadores, então, percorren-na com agilidade e adaptação reptilianas, apegando-se às anfractuosidades e às mais insignificantes saliências como se tiveram as mãos e pés dotados de garras e ventosas!

(11) Sirva de exemplo o que se vê na baía de Lagos, no lado poente: gigantescos blocos se desprenderam da costa, levando em cima de si grandes porções da muralha de uma fortaleza. As narrativas de Silva Lopes ("Corografia do Reino do Algarve") são suficientemente expressivas.

(12) Ataíde, loc. cit., pg. 72.



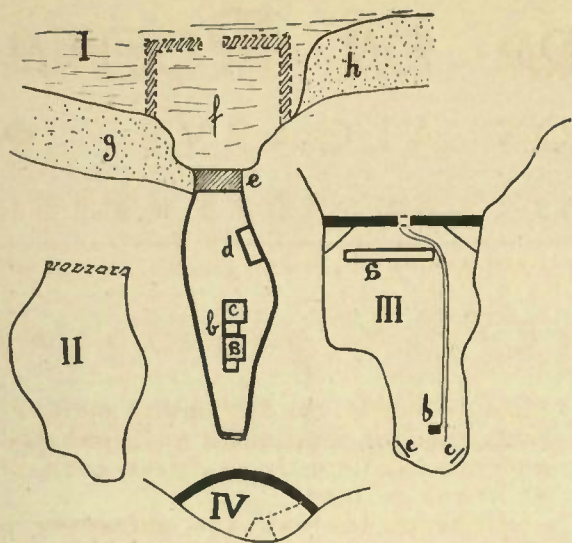


Fig. 2

em os muros, armazém, quartéis de soldados e na capela de Nossa Senhora da Rocha, mas hoje se acha esta reparada, menos alguns pedaços de muros e também três casas dos soldados que ainda se acham caídas.”

E Ataíde, comentando Silva Lopes, por êste na «Corografia do Algarve» dar a entender que fôra a antiga vila de Porches Velho a que o terramoto arrasou, opina: «Parece-nos até que já no de 1755 não existia de pé o *Castrum* de Porches. É sabido que D. Diniz mandou construir uma bateria (*sic*) no alto da Rocha, em defesa da ermida e dos moradores dos sítios próximos. Foi talvez nesta bateria que se tornaram sensíveis os efeitos do terramoto de 1755».

Tudo muito evocador, mas o que se apegar à «Monografia de Porches» ficará na mesma, a respeito da localização do castro e da época provável da construção da fortaleza (antes pequeno reduto) de Nossa Senhora da Rocha. Quanto a mim, aquilo não me parece obra de romanos, senão de época portuguesa, até o final da 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> dinastias.

A Ermida é de pequenas dimensões, modesta, como a descreve Ataíde.

Sobrepuja-a uma pirâmide hexagonal. Divide-se em duas partes: a capela propriamente dita, do lado do nascente,

e um pátio coberto, do lado poente, a que dão entrada três arcos apoiados em duas colunas e nos encontros das paredes laterais. No muro divisório abre-se a porta da capela, com sua fresta de cada banda.

Encosta-se-lhe, à parede norte, a cisterna e, a seguir, uma humilde casa onde se encontra instalado o pòsto da guarda-fiscal; no flanco oposto, um pobre aposento serve de sacristia.

Tudo na Ermida é pobre, principalmente em confronto com a majestosa altura da Ponta, do cimo da qual se observam, nas profundas e azulinhas águas em redor, as evoluções de fartos cardumes, a qualquer hora do dia, seja nos radiosos lampejos matutinos, seja no intenso fulgor do meio-dia, seja nas apoteóticas rubescências do sol-pôr, larga vista sôbre dilatado mar.

Na frontaria, algumas pedras indiciam restos de lavor românico, pelo que, românica seria a primitiva edificação.

No primeiro Domingo de Agôsto efectua-se a romaria.

Não a sublinham enorme multidão e a ruidosa alegria das romagens do Minho e Douro. Longe disso! Tempo seria, a que Ataíde alude, em que muito povo até ali se deslocava. Em nossos dias, desde as primeiras horas da manhã, vão chegando pessoas, num comedimento taciturno, umas em «carrinhas», outras em cavalgadas, outras a pé não indo além de trezentas, inclusivé algumas meninas de famílias distintas em veraneio na próxima praia de Armação de Pera, e uns tantos caçadores da zona circunvizinha, que em tal dia costumam, após boa merenda, fusilar impiedosamente os pombos bravos das grutas, furnas, algares e quantos buracos e anfractuosidades, difíceis de descrever em sua forma, vastidão e suprema beleza, nas quais os infelizes pombos se acolhem e se reproduzem, para delícia dos fieis de Santo Huberto e dos mirones que os acompanham. (13)

(13) Estas caçadas, embora às vezes redundem em verdadeiros morticínios em que se abatem centenas de aves, sobretudo nos primeiros dias a seguir ao defeso,

(Termina no próximo número)



# NOTICIÁRIO

**PELA CÂMARA** — Em 15 de Abril foi conferida a posse do cargo de Presidente da Câmara Municipal de Lagos ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Coronel Francisco Gonçalves Correia Velhinho, por sua Excelência o Sr. Governador Civil do Algarve que veio à nossa Cidade propositadamente para esse fim. Ao acto, o Sr. Governador Civil discursou, tendo sido entusiasticamente ovacionado pela numerosa assistência.

Anteriormente àquela data fôra concedida posse do cargo de Vice-Presidente da mesma Câmara ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Tenente João de Barros Amado da Cunha, pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Coronel Correia Velhinho, representando o Sr. Governador Civil do Distrito. Numerosas pessoas cumprimentaram o Sr. Tenente Amado da Cunha.

A revista «Costa de Oiro» felicita os novos membros da Câmara Municipal de Lagos, e faz votos para que, no desempenho dos seus cargos, tôdas as dificuldades que por ventura possam surgir, sejam removidas sollicitamente.

**O AUXÍLIO À CRUZ VERMELHA FRANCESA** — No passado dia 4 de Maio, esteve em Lagos, M.<sup>me</sup> Amé Leroy, esposa de Sua Excelência o Sr. Ministro de França em Portugal, que veio ao Algarve em visita às várias comissões locais de auxílio à Cruz Vermelha Francesa.

M.<sup>me</sup> Amé Leroy foi recebida na Sociedade Lacobrigense por um gentil grupo de Senhoras tendo à fren-

te a Senhora de Correia Velhinho, esposa do Sr. Presidente da Câmara que lhe apresentou cumprimentos de boas-vindas e falou da sincera simpatia de tôdas as Senhoras de Lagos pela Cruz Vermelha Francesa. A Senhora Ministra agradeceu sensibilizada e disse palavras de muito apreço pela Terra Algarvia, donde já em tempos levava gratas recordações e pela nossa gente em cuja alma reconhecia uma invulgar sinceridade de sentimentos.

Houve depois um Pôrto de Honra, tendo usado da palavra a Senhora de Monteiro Leite, esposa do illustre Governador Civil do Distrito, que acompanhava M.<sup>me</sup> Amé Leroy, aludindo à sua grande satisfação pela forma cativante como os algarvios recebiam M.<sup>me</sup> Amé Leroy e estavam secundando tão simpática iniciativa.

**AS COMEMORAÇÕES CENTENARIAS EM SAGRES E O DIA DA MARINHA** — Sendo o dia 15 de Junho dedicado, de entre os numerosos festejos Centenários, ao Mar e à evocação grandiosa dos Descobrimientos Maritimos, e realizando-se em Sagres e em Lagos, nesse dia, numerosas solenidades a que assistirão Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Presidente da República, e as altas figuras representativas da Nação, foi superiormente ordenado que o Dia da Marinha fôsse festejado a 15 de Junho, para o que se concentrarão em Sagres numerosas unidades da nossa marinha de guerra.

---

CONTINUADO DA PAGINA NOVE.

---

E que num dia invernosso lhe fugira para um muredo distante, infindo.

\*

Meu pobre amigo, quando se foi o que fui, e se fica reduzido ao que sou, a morte que a tantos assusta é para mim a realização de um desejo, a objectivação de uma esperança... tu ficarás, única recordação dos pedaços em que minha alma vibrou, impressionada por aquela triste imagem que era a dela.

Se tu a visses, naquele leito tão pequenino, onde a levaram para tão longe...

E o violino continuava mudo num silêncio que mais entristecia o pobre velho...

E depois no morno ambiente do aposento levantou-se uma voz que de trémula se foi tornando pouco a

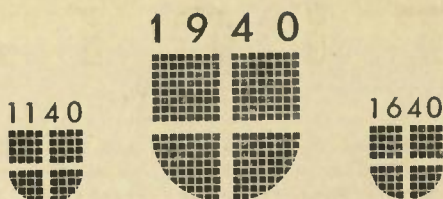
pouco, muito suave, e muito branda...

Era o violino que vibrava, era o pobre doente que desfiava o lêdo rosário das suas saúdaes. Grandeza estoica de uma vida que encara o fim com uma canção-motivo. Quanta tristeza se desprendia das cordas, trémulas pelos atilados dedos do violinista...

Era o meigo ciciar de duas almas que se compreendiam e amavam.

E quando a Morte o empolgou, só um tremor violento do corpo o traíu... e então o violino como se tivesse compreendido o fim daquele romance, daquela novela simples, soltou um som rouco que parecia um soluço... e das mãos do pobre violinista caiu o violino que perdera o seu melhor amigo, a única alma que o soubera fazer vibrar.





**LEIA**

*O próximo*

*número*

DA

**«Costa de Oiro»**

DEDICADO

AS

**Comemorações**

**Centenárias**

NO

**ALGARVE**





composição • impressão  
TIP. FERREIRA LAGOS

